



# Editorial

Neste ano de 2009, em que a Associação Brasileira de Educação Musical completa 18 anos, temos o prazer de lançar a revista **Música na Educação Básica**, cujo propósito é oferecer um material bibliográfico acessível para aqueles que atuam na educação básica, incluindo professores especialistas em música e pedagogos. A publicação também é dirigida para estudantes, futuros professores, que encontrarão reflexões e sugestões de trabalhos práticos que irão ampliar sua formação e possibilidades de ação em educação musical, atingindo um público leitor da máxima relevância para a área.

A ideia de produzirmos uma nova revista, que atendesse a demanda da escola de educação básica, é um projeto que vem sendo elaborado há alguns anos e que agora, em 2009, se concretiza. Durante o XVII Encontro Nacional da Abem, em 2008, foi possível discutir e delinear esta nova publicação. Assim, pautada pelo compromisso político da Associação Brasileira de Educação Musical com a educação básica brasileira e pelo desejo de fomentar diálogos que reflitam as práticas plurais da educação musical, **Música na Educação Básica** chega ao seu primeiro número.

Lançada em um momento privilegiado da história da educação musical brasileira, em que temos a aprovação da Lei 11.769, que torna o ensino de música componente curricular obrigatório nas escolas de educação básica, a revista **Música na Educação Básica** vem atender a novas demandas da área que começam a surgir. A Abem, enquanto associação, consolida-se como espaço de produção e circulação de conhecimentos através de suas publicações, com revistas periódicas e anais de eventos regionais e nacionais.

Para que esse primeiro número existisse foram convidados professores e pesquisadores que têm atuado na formação de professores para a educação básica, sócios da Abem, e que representam vários estados do Brasil. Podemos afirmar que esses trabalhos apontam para formas de pensar a educação musical na educação básica a partir de vários lugares, tempos, espaços, experiências docentes e níveis de escolarização. Assim, abrindo esta edição, Teca Alencar de Brito, professora da Universidade de São Paulo e idealizadora da Teca Oficina de Música, com o artigo *A barca virou: o jogo musical das crianças*, apresenta, através da brincadeira musical portuguesa *A barca virou*, caminhos para práticas criativas e reflexivas na área, dirigidas a crianças de três a seis anos. O texto é construído a partir do “pensamento musical” da criança e do seu “fazer”, com sugestões de atividades envolvendo improvisação, criação, construção de instrumentos e registro gráfico. Fantasia, imaginação, criatividade, exploração, descoberta, são alguns dos elementos apontados ao longo do artigo para o trabalho dos educadores musicais, os quais precisam “escutar, dispostos a abrir caminhos, a caminhar juntos, a brincar e a chamar a felicidade, enfim.”

Cecília Cavalieri França, da Universidade Federal de Minas Gerais, com o artigo *Sozinha eu não danço, não canto, não toco*, reflete acerca da superação de um modelo fragmentário de educação musical, apresentando fundamentos para uma abordagem rizomática da área, envolvendo materiais sonoros, caráter expressivo e forma, catalisados pela integração das modalidades de composição, apreciação e performance. As reflexões trazidas pela autora partem de elementos básicos da aprendizagem, a ludicidade, o prazer, a fantasia e a imaginação, sem deixar de vinculá-los à realidade dos alunos. Por meio de atividades que partem da própria música, envolvendo a exploração expressiva e criativa de seus elementos constituintes, a autora aponta caminhos para uma realização consistente e dinâmica de uma aula de música, tendo como base o modelo C(L)A(S)P de Keith Swanwick.

O texto *Cai, cai balão... Entre a formação e as práticas musicais em sala de aula: discutindo algumas questões com professoras não especialistas em música*, de Cláudia Ribeiro Bellochio, da Universidade Federal de Santa Maria, e Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo, da Universidade do Estado de Santa Catarina, oferece reflexões voltadas à formação e à docência em música realizada por professores pedagogos, não especialistas em música mas especialistas no desenvolvimento de crianças. Os autores discutem acerca da carência em termos de formação musical ofertada em cursos de Pedagogia, bem como do potencial de trabalho desses profissionais. Ao final, os autores apresentam possibilidades para a aula de música, nos espaços da educação infantil e anos iniciais, a partir

da canção *Cai, cai balão*, mobilizando atividades que envolvem as dimensões de executar, ouvir e compor.

O texto *Maneiras de ouvir música: uma questão para a educação musical com jovens*, de Jusamara Souza, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e Maria Cecília de Araújo Torres, do Centro Universitário Metodista/IPA, focaliza a atividade de audição como parte integrante da educação musical, constituindo-se em elemento primordial de diferentes modelos pedagógicos. As autoras discorrem sobre os conceitos de “ouvir” e de “escuta musical” e sobre a relevância da atividade para a sociedade contemporânea. Além disso, são abordados os diferentes tipos de ouvir musical dos jovens e os meios utilizados para sua audição e compartilhamento. As autoras apontam para a música veiculada pelos meios eletrônicos, com os “ciberespaços” marcados pela presença dos jovens, pontuando sobre aspectos didáticos e metodológicos da atividade em sala de aula. Ao longo do texto, são apresentadas propostas práticas para a educação musical a partir das diferentes formas do ouvir musical dos e com os jovens.

Luis Ricardo Silva Queiroz e Vanildo Mousinho Marinho, da Universidade Federal da Paraíba, no trabalho *Práticas para o ensino da música nas escolas de educação básica*, apresentam reflexões sobre a realidade das escolas de educação básica, a presença da música nessas escolas, além de algumas perspectivas práticas para o trabalho na área. As propostas e reflexões trazidas pelos autores são alicerçadas em pesquisas e experiências de formação continuada, propiciando uma aproximação com esse universo. O texto apresenta um panorama amplo de possibilidades para a prática do professor em sala de aula, abrangendo ações que mesclam aspectos diversos do fenômeno sonoro a múltiplas formas de percepção, criação e interpretação musical.

No penúltimo texto que compõe esta publicação, *Fazendo rap na escola*, as autoras Vania Malagutti Fialho e Juciane Araldi, da Universidade Estadual de Maringá, apresentam o *rap* como proposta de prática musical escolar e de interação da escola com as manifestações musicais juvenis. A partir dos princípios que fundamentam o movimento hip hop, as autoras propõem encaminhamentos para a composição de um rap, com a criação de letras e bases por meio de sons vocais, corporais e eletroeletrônicos. A linguagem utilizada pelas autoras por vezes se desloca dos professores para os adolescentes, conferindo leveza, mobilidade e dialogicidade na estruturação do trabalho.

Finalizamos esta primeira publicação da revista **Música na Educação Básica** com um texto voltado à prática coral escolar, tendo em vista a importância que o canto adquire no espaço da escola: *Coro juvenil nas escolas: sonho ou pos-*

*sibilidade?* Assinado por Patrícia Costa, vinculada aos Colégios São Vicente de Paulo e Cruzeiro, e à Fundação Pró-Saber, o artigo busca incentivar professores de música e regentes corais a refletirem sobre o coro juvenil como possível instrumento de musicalização nas escolas de ensino médio. O texto é construído a partir de experiências da autora frente a coros escolares, sendo abordados temas como relações do trabalho coral com a proposta da escola, ensaios, componentes do grupo, avaliação vocal, espaço físico, divulgação da atividade, dentre outros. A autora detalha elementos intrínsecos à atividade coral, apresentando estratégias para a formação e manutenção de grupos, cuidados com o repertório, bem como recursos facilitadores para os ensaios iniciais.

Fazer **Música na Educação Básica**, no sentido mais concreto da expressão, foi um novo desafio. No entanto, a partir do trabalho coletivo, que vem marcando a história da Abem enquanto associação nacional, percebemos a riqueza e o potencial desse novo espaço de reflexões, destinado a professores, estudantes e pesquisadores. Com a colaboração de professores, é precisamente a pluralidade de espaços, práticas e músicas que desejamos traduzir nestas páginas.

Luciane Wilke Freitas Garbosa  
Editora Convidada

Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo  
Presidente da ABEM